

Apresentação ao dossiê: Antropologia do Impeachment

Igor José de Renó Machado

Nesses tempos tão difíceis que vive nosso país, em que pode a antropologia ajudar a entender algo dessa complexidade? Todo o doloroso e traumático processo de impeachment da presidenta Dilma expôs um quadro intrincado e múltiplo de interesses, conflitos, ideologias, racismos, intolerâncias e ainda muitos outros qualificadores possíveis. Estivemos soterrados de análises por todos os lados, mas dificilmente atentamos para uma visada estritamente antropológica.

Este dossiê, muito modestamente, pretende ajudar a preencher essa lacuna, ao propor especificamente reflexões antropológicas sobre o processo de impeachment de 2016. Como um dossiê de antropologia pública, os textos seguem uma estrutura mais livre e, talvez, nesse momento mais apropriada a uma reflexão crítica e criativa sobre os fatos recentes. E a opção por textos mais opinativos que textos estritamente acadêmicos permite também que tenhamos opiniões de diferentes intelectuais que, sem a opção de um texto mais livre, dificilmente teriam o ânimo de produzir os textos.

Assim, em prol de uma missão explicativa propriamente antropológica, digamos, optamos por solicitar textos mais livres, que nos trouxessem insights e ajudassem a expor pontos de vista que a antropologia tem o privilégio de oferecer a partir da diversidade do seu objeto e de seus pesquisadores. O resultado é esse conjunto de cinco textos, produzidos por Gustavo Lins Ribeiro, Rosana Pinheiro-Machado, Miguel Vale de Almeida, Igor José de Renó Machado e Piero de Camargo Leirner.

O dossiê deriva de uma tarde de reflexões (chamada de “Quartas Indomáveis”) produzida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSCar, em maio de 2016. Naquele momento o impeachment ainda não havia se consolidado e havia uma tentativa de imaginar o que viria a seguir. Esse evento deu origem aos textos de Igor Machado e Piero Leirner, aqui reunidos no Dossiê. O primeiro figura aqui exatamente como foi apresentado no evento, guardando, portanto, um tom de fala que decidi manter no dossiê, justamente por seu caráter mais exploratório e especulativo, focado na tentativa de pensar a gênese de um novo tipo de racismo, o racismo a determinado partido político, como uma transmutação desavergonhada de preconceitos e discriminações estruturais à sociedade brasileira. O segundo, por sua vez, é um texto completamente retrabalhado por Piero Leirner, transformando a já complexa análise apresentada naquele momento numa espécie de apoteose da potência criativa antropológica.

O texto de Leirner avança numa intrincada discussão econômico-dumontiana, capaz de relacionar o que chama de “tomada da moeda” pelo setor rentista com o surgimento dessas figuras de um ultraindividualismo heróico-messiânico de partes do Estado, e como isso permeou o processo político desde a era Collor até Dilma 2, resultando no impeachment. A virtude do texto é justamente a forma de entender a economia como política, dada a falta de racionalidade propriamente econômica de muitas ações nesse período complexo. O texto apresenta, por fim, um panorama inusitado de explicações sobre esse cenário conturbado.

O texto de Gustavo Lins Ribeiro, que abre o dossiê, nos apresenta um cenário macro-sociológico de desenvolvimento do contexto da crise do impeachment, relacionando Gramsci, Turner e Geertz para amarrar uma lógica analítica antropológica da ascensão e queda do PT ao longo dos últimos 16 anos. Tanto a ideia da ruptura dramática de Turner quanto a de política como espetáculo de Geertz são trazidas para descrever etnograficamente o processo de impeachment, produzindo um cenário amplo de entendimento de fluxos políticos e conflitos de grandes proporções entre forças progressistas e conservadoras.

Rosana Pinheiro-Machado, por sua vez, faz uma defesa da importância da reflexão antropológica para ultrapassar o entendimento superficial das dinâmicas sociopolíticas engajadas no impeachment. Defende, com larga propriedade, que o ponto de vista das classes populares ficou separado e isolado das reflexões sobre a crise política em que ainda vivemos. Uma tarefa fundamental da antropologia seria efetivamente tornar esse ponto de vista visível, produzir conhecimento sobre como as classes populares assistem e participam (ou não) desse processo como um todo. Afinal, o que pensam as periferias sobre o golpe? E mais, é possível entender todo o processo que se desenrolou durante o ano de 2016 sem considerar o ponto de vista de um “Brasil profundo”?

O pequeno texto de Miguel Vale de Almeida nos traz uma perspectiva “de fora” sobre o processo. Olhando o golpe a partir de Portugal, Vale de Almeida se pergunta sobre como pensar uma antropologia dos golpes, na qual o caso brasileiro seria mais um a ser examinado: cheio de especificidades, mas, ainda assim, um caso entre outros, marcando uma característica do mundo contemporâneo (fato também destacado por Ribeiro, ao colocar o impeachment brasileiro em ressonância com os acontecimentos recentes no Paraguai e Honduras). Nessa perspectiva mais ampla, Vale de Almeida identifica algo de universal no golpe brasileiro: a oposição oligárquica às políticas de combate à desigualdade social.

Tomando o populismo em relação às condenações morais sobre a corrupção, sempre manobradas num sentido controlado na mídia, e o que chama de “des-utilidade” da democracia em sistemas políticos contemporâneos, Vale de Almeida faz um exercício produtivo de pensar o golpe brasileiro como um exemplo de processos que vêm acontecendo por toda a parte: a nova modalidade de golpe branco, onde as aparências de um processo regular e legal precisam ser mantidas, mas não a própria democracia.

Como complemento ao nosso dossiê, contamos com a generosidade de Laerte, que nos cedeu para uso no caderno de imagens algumas de suas charges sobre o processo de impeachment. Apresentadas por Heloisa Buarque de Almeida num belíssimo texto, as charges nos permitem “ver” e sentir o processo, numa espécie de diário cotidiano e simbólico do processo que Vale de Almeida chamou de “golpe branco”. Com um poder de condensação raramente visto na história desse país (como diria um político central a todo o pro-

cesso), a obra de Laerte é e será, sem dúvida, uma espécie de acervo simbólico-social dos tempos presentes. Acompanhar as imagens é ler e sentir ao mesmo tempo o impeachment e o que está por trás dele. Descortina-se não apenas uma análise sobre o que ocorre, mas também uma narrativa sensível, capaz de captar profundamente o clima emocional pelo qual passamos. Agradecemos à Laerte pela generosidade, bem como à Folha de São Paulo, que nos autorizou o uso de quatro das imagens que apareceram originalmente como charges do jornal.

Os textos nos mostram um cenário complexo e preocupante, no qual a democracia perde espaço para uma “aparência democrática” enganosa, a violência simbólica contra os excluídos de sempre se intensifica, se encontra campo para o desenvolvimento de novos e antigos racismos, restaurações conservadoras se estabelecem para além do voto, etc. Um refluxo geral de avanços no combate à desigualdade está colocado à mesa e, frente aos desafios que essa situação gera, a antropologia precisa e deve mobilizar seus instrumentos para enfrentar criticamente o projeto da restauração incontestada da grande desigualdade.